

Permanência e configurações dos internatos em Sergipe (século XX)

Joaquim Tavares da Conceição¹

Resumo: Este artigo é uma escrita histórica da permanência, configuração e características dos colégios-internatos em Sergipe na primeira metade do século XX. Nesse período, somaram-se aos pequenos internatos de organização “familiar”, advindos do século XIX, colégios-internatos caracterizados pela existência de espaços específicos para o internato, ainda que adaptados, e pelo aumento dos alunos pensionistas. Nos internatos, os estudantes encontravam cama, comida (pensionato) e toda a instrução (aulas, repetições, exercícios suplementares, direção dos estudos). As razões para a permanência do internato na cultura escolar sergipana ocorreram devido à falta ou às deficiências de colégios no interior do estado, às longas distâncias, a dificuldades de transporte e comunicação entre as localidades. Junte-se a essas razões o fato de algumas famílias optarem pelo internato por não quererem ou não estarem aptas para dirigir a instrução de seus filhos e/ou por acreditarem no valor formativo e disciplinador do internato.

Palavras-chave: internatos. educação. história. Sergipe.

Abstract: This article is a historical writing about the permanence, configuration and characteristics of boarding schools in Sergipe in the first half of the twentieth century. During this period, were added to small boarding schools of "family" organization, from the nineteenth century, boarding schools characterized by the existence of specific spaces for internment, even though adapted, due to the increase of pensioner students. In boarding schools, students met bedding, food (boarding) and all instruction (lectures, repetitions, additional exercises, direction of studies). The reasons for the permanence of boarding schools in the school culture of Sergipe occurred due to lack or deficiencies of colleges in the countryside of the state, the long distances, the difficulties of transportation and communication between locations. Added to these reasons is the fact that some families opted for boarding schools for not wanting or not being able to direct the education of their children and / or for believing in the educational and disciplinary value of boarding schools.

Keywords: boarding schools. education. history. Sergipe.

Recebido em 28/09/2014 e aprovado em 29/11/2014

Introdução

Este artigo é uma escrita histórica dos colégios-internatos em Sergipe, na primeira metade do século XX, objetivando compreender as razões da permanência, configuração e

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

características dos internatos no cenário educacional sergipano. Nesse período, sem fazer desaparecer os pequenos internatos de organização “familiar”, surgiram e/ou se consolidaram em Sergipe colégios-internatos, caracterizados pela existência de espaços específicos para internato, ainda que adaptados, e pelo aumento dos alunos pensionistas.

Nas primeiras décadas do século XX o Estado de Sergipe continuava apresentando, tal como no século anterior, uma economia agropecuária baseada no cultivo da cana-de-açúcar e do algodão e na criação de gado bovino. Essas atividades econômicas impulsionaram o desenvolvimento de usinas produtoras de açúcar, indústrias têxteis e repercutiram no incremento do comércio, proporcionando o surgimento de empresas comerciais e o aumento do número de repartições públicas na capital do estado^{II}. O crescimento econômico favoreceu a continuidade e aumento dos internatos, pois eram os segmentos sociais ligados a esses campos econômicos que podiam custear as despesas com o internamento escolar.

Os internatos da primeira metade do século XX estavam instalados na capital do estado e nas sedes dos municípios mais desenvolvidos. Aracaju, por sua condição de capital, congregava internatos maiores, mais renomados e dispoñdo inclusive do ensino secundário e por isso mais requisitados pelas famílias ricas. Na fase de 1900 a 1930 foram implantadas algumas inovações e serviços em Aracaju que contribuíram para tornar a capital mais atrativa. As ruas onde estavam instaladas as casas comerciais, e/ou os sobrados das classes ricas, foram pavimentadas com pedras (1900), apareceram os serviços de transporte nos bondes de tração animal, água encanada (1908), esgotos sanitários (1914), energia elétrica, ferrovia, rede telefônica (1919) e os bondes elétricos (1926)^{III}.

Essas mudanças e/ou inovações ocorridas em Aracaju estimularam a vinda de famílias interioranas para a capital em busca de instrução para os seus filhos, o que acabava favorecendo os estabelecimentos particulares de ensino. Por outro lado, as famílias, que por qualquer razão continuavam residindo no interior, encontravam nos internatos uma estratégia educativa ideal para manter os seus filhos estudando na capital. Neste caso deveriam, como de costume, indicar um correspondente^{IV} para responder pelo pagamento das mensalidades ou pensões e pelas necessidades do pensionista.

Colégios-internatos na primeira metade do século XX

Na primeira metade do século XX, um grande número de escolas particulares oferecia internato masculino ou feminino, na capital e no interior sergipano. Eram pequenos internatos, que não chegavam a congregar mais de 20 pensionistas, e/ou colégios-internatos, que congregavam de 50 a mais ou menos 80 pensionistas. O quadro em sequência apresenta uma relação bastante expressiva de colégios particulares que mantinham internato.

**PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE
(SÉCULO XX)**

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

INTERNATOS MASCULINOS			
Nº	Estabelecimento/Denominação	Local	Diretor e/ou Proprietário
01	Colégio Brasil	Estância	Hugolino Azevedo
02	Colégio do Salvador	Estância	Domingos Cordova de Lima
03	Colégio Jackson de Figueiredo	Aracaju	Benedito A. de Oliveira
04	Colégio Modelo	Capela	Virgílio Prado
05	Colégio Nossa Senhora das Vitórias, 1909	Maruim	Raymundo Smith Firpo
06	Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora	Aracaju	Congregação Salesiana
07	Colégio São Luiz Gonzaga	Estância	Padre Alexandre Alves Casaes e Domingos Cordova Lima
08	Colégio Serigi	Estância	Temístocles Alves Viana
09	Colégio Tobias Barreto	Aracaju	José de Alencar Cardozo
10	Grêmio Escolar	Aracaju	Evangelino Faro
INTERNATOS FEMININOS			
Nº	Estabelecimento/Denominação	Local	Diretor e/ou Proprietário
01	Colégio Boa Esperança	Aracaju	Marianna Braga
02	Colégio Camerino	Estância	Maria Cândida de Carvalho
03	Colégio Coração de Jesus	Riachuelo	Eulina de Aquino Vasconcellos
04	Colégio Maria Auxiliadora	Estância	Laura Gomes Leite, auxiliada pelas professoras A. Salles, Constança Pitangueira
05	Colégio N. S. da Gloria	Maruim	Cecília Maia
06	Colégio Nossa Senhora da Conceição	Aracaju	Maria da Gloria Chaves
07	Colégio Nossa Senhora das	Propriá	Congregação das Irmãs

**PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE
(SÉCULO XX)**

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

	Graças		Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
08	Colégio Nossa Senhora de Lourdes	Aracaju	Congregação das Irmãs Sacramentinas
09	Colégio Nossa Senhora Santana	Aracaju	Quintina de Oliveira Diniz (1908), Sylvia de Oliveira Ribeiro (1916)
10	Colégio Patrocínio de São José	Aracaju	Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
11	Colégio Santa Cruz	Aracaju	Maria Margarida da Santa Cruz e Santos
12	Colégio Santa Terezinha	Boquim	Padre José Gumercindo Santos
13	Educandário Nossa Senhora da Piedade	Lagarto	Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho
14	Imaculada Conceição	Capela	Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
15	Internato S. Cecília	Laranjeiras	Cecília Curvello
16	Sagrado Coração de Jesus	Estância	Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição

Quadro 1 – Internatos sergipanos na primeira metade do século XX

Fonte: *Correio de Aracaju* (1910), *O Nordeste* (1942), *A Razão* (1913), *A República* (1934), *A Cruzada* (1946)

Entre os estabelecimentos listados no quadro anterior destacam-se os internatos de colégios católicos. Em Aracaju, o internato masculino do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora (1910), os internatos femininos dos colégios Nossa Senhora de Lourdes das Irmãs Sacramentinas (1903) e o Patrocínio de São José das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (1940). No interior do estado, nos municípios mais desenvolvidos, firmaram-se os internatos dos colégios Nossa Senhora das Graças (1915), em Propriá; Imaculada Conceição (1929), em Capela, e o Sagrado Coração de Jesus (1936), em Estância.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

Todos estes construíram edifícios-internatos com espaços específicos para o internato e chegaram a congregar mais de 50 pensionistas.

O crescimento e desenvolvimento de colégios particulares, dirigidos por congregações católicas, deveram-se, além da boa reputação, ou capital simbólico^V, desses estabelecimentos, ao empenho da Igreja Católica, que buscava, por meio da educação dispensada nessas instituições, a manutenção e o crescimento da influência do catolicismo entre as famílias sergipanas. Para isso sempre contou com o apoio de governantes para a fundação desses colégios no estado, seja através de doações de terrenos seja de outras espécies de benefícios ou isenções. Quanto a isso, a Congregação das Irmãs Sacramentinas, que fundou em Aracaju o Colégio N. S. de Lourdes, obteve do Governo no ano de 1924, por ato do presidente, Maurício Graccho Cardoso, um terreno para a construção do edifício do estabelecimento. Também em Aracaju a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição auferiu do Governo Estadual, por ato do interventor, tenente Augusto Maynard Gomes, a doação de terreno para a construção do prédio do Colégio Patrocínio de São José^{VI}, e na cidade de Capela, o Colégio da Imaculada Conceição foi agraciado com o fornecimento de energia elétrica gratuita e material escolar dos governos municipal e estadual^{VII}.

De outro modo, as autoridades eclesiásticas, para impedir o avanço dos colégios leigos ou protestantes, faziam a propaganda das escolas católicas e orientavam que as famílias católicas somente matriculassem seus filhos nesses estabelecimentos. A esse respeito, na imprensa católica sergipana, sobretudo no Jornal *A Cruzada*, eram divulgadas matérias com tal conteúdo. Uma delas reproduzia o pensamento do arcebispo do Rio de Janeiro que condenava a matrícula de católicos em colégios acatólicos:

Que alguma seita abra educandários para seus adeptos, compreende-se. Porém, que tais colégios sejam frequentados por centenas de jovens, cujos pais católicos ali os matriculam, sem a menor preocupação de fé, religião, moral... contanto que façam bons exames e adquiram um diploma, é imperdoável^{VIII}.

Na lista dos internatos apresentada no quadro anterior, além dos estabelecimentos confessionais mencionados, também se destacaram os estabelecimentos não-confessionais, como os colégios-internatos Tobias Barreto (1909), Grêmio Escolar (1906) e Jackson de Figueiredo (1938). Todos eles estavam estabelecidos em Aracaju, com internato voltado ao público masculino e também congregavam um grande número de pensionistas, o primeiro chegando a mais de 100 alunos internos. Todavia, diferentemente dos colégios católicas, não chegaram a funcionar em prédios originalmente projetados para funcionar como internato.

Permanência dos internatos

Durante todo o século XIX, foram predominantes em Sergipe os pequenos internatos familiares que funcionavam nas casas dos proprietários ou em casas alugadas para o

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

recebimento de alunos pensionistas que viviam sob os cuidados do diretor e sua família. Também era costume professores particulares e públicos receberem em suas casas, sem darem ao seu ensino o caráter de um estabelecimento formal, alunos pensionistas. No decorrer da primeira metade do século XX, somaram-se aos pequenos internatos de organização “familiar” os colégios-internatos com espaços específicos para internamento e com capacidade para atender um maior número de alunos pensionistas (internos).

As razões para a permanência do internato na cultura escolar sergipana durante boa parte do século XX, foram, entre outras, a inexistência, deficiências ou o pequeno número de colégios no interior do estado, situação caracterizada pelo “déficit escolar”. A rede de escolas públicas era ponderavelmente inferior em relação à população em idade escolar^{IX}. Sobretudo de colégios que ministravam o curso secundário, que por isso deveria ser buscado em Aracaju ou em capitais de outros estados. Este fato fazia com que as famílias ricas ou camadas médias da sociedade enviassem seus filhos para os internatos da capital ou das cidades mais desenvolvidas do interior do estado.

Também o isolamento geográfico causado pelas longas distâncias, além das dificuldades de transporte e comunicação entre as localidades (do interior para a capital ou sede do município), dificultavam o retorno àquelas residências localizadas na zona rural. Na época, as estradas e o transporte eram bastante rudimentares, realizado predominantemente no lombo de animais ou outras formas que utilizavam a tração animal, o que dificultava o retorno dos escolares para as suas residências distantes da escola. O escritor sergipano Gilberto Amado recorda as dificuldades de transporte no início do século XX:

Aos seis anos de idade partia, em cima do meu cavalo, para o que, naquele tempo, era longe, viagem comprida, de Itaporanga à Bahia. [...] Tinham me botado cedo na cama, pois sairíamos de madrugada. Meu pai tinha essa mania... viajar de noite^X.

A inexistência e o fato de morar longe da escola e as dificuldades de transporte, embora principais, não foram as únicas variáveis que determinaram a opção das famílias pelo internato. Mesmo morando na capital, próximo aos colégios, algumas famílias sergipanas, por não quererem ou por não estarem aptas para dirigir a instrução de seus filhos, principalmente na fase dos estudos secundários, enviavam-nos aos internatos. Além disso, não se pode olvidar que a crença no caráter disciplinador do internamento escolar, apontado por Gilberto Freyre^{XI} como uma característica da sociedade patriarcal do século XIX, permanecesse um pouco presente na mentalidade do século XX. Deste modo, meninos ou moços com problemas de disciplina no convívio familiar eram matriculados no internato também como

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

forma de punição e correção. Esta ocorrência é retratada na escrita autobiográfica de José Lins do Rego, no romance *Doidinho*:

Recorriam ao colégio como a uma casa de correção. Abandonavam-se em desleixos para com os filhos, pensando corrigi-los no castigo dos internatos. E não se importavam com a infância, com os anos mais perigosos da vida. Em junho estaria no meu sanatório. Ia entregar aos padres e aos mestres uma alma onde a luxúria cavara galerias perigosas. [...]

– Colégio amansa menino! Em mim havia muita coisa precisando de freios e de chibata. As negras diziam que eu tinha o mal dentro. A Tia Sinhazinha falava dos meus atrasos. Os homens riam-se das intemperanças dos meus doze anos.

– Menino safado, menino atrasado, menino vadio. [...]

Agora o colégio iria consertar o desmantelo desta alma descida demais para a terra. Iriam podar os galhos de uma árvore, para que os seus brotos crescessem para cima.

– Quando voltar do colégio, vem outro, nem parece o mesmo.

Todo mundo acreditava nisto.^{xii}

Igualmente a “pedagogia de internar” estava arraigada na prática educativa dos colégios fundados e dirigidos por congregações católicas. Neste sentido, o modelo colégio-internato apresentou-se como uma característica dos colégios fundados em Sergipe pelas congregações dos Salesianos, irmãs Sacramentinas, irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, que implantaram seus colégios sempre com internato. Em certa medida, esses religiosos adaptaram os regramentos impostos pelas suas respectivas congregações para a condução dos alunos pensionistas na vida diária do internato. Assim, os horários impostos, as obrigações religiosas diárias (missa diária, recitação do terço, retiro, exercícios espirituais), a guarda do silêncio, especialmente no refeitório e dormitórios, o comedimento nos gestos e brincadeiras, o cuidado com a seriedade das roupas, o estilo “conventual” dos prédios marcaram a cultura desses internatos.

Também é necessário considerar que a renda provinda das pensões pagas pelas famílias dos alunos internos garantia a existência do internato como uma atividade lucrativa para os proprietários de colégios. De outro modo, as pensões também representavam fonte de recursos para a manutenção de atividades assistenciais e religiosas de congregações católicas. Assim, nos colégios-internatos confessionais, além das meninas e/ou moças pensionistas

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

(pagantes), eram recebidas a título de caridade, em orfanatos ou escolas anexas aos colégios, alunas gratuitas. Ainda existiam colégios que acolhiam alunas internas gratuitas que recebiam cama, comida e instrução, embora em espaços e condições distintas das pensionistas e em alguns casos estavam obrigadas a pequenos serviços domésticos^{XIII} no estabelecimento. Os salesianos, por exemplo, enfrentando dificuldades na manutenção dos aprendizes da Escola Agrícola da Tebaida abriram uma turma de alunos pensionistas para ajudar no sustento dos aprendizes gratuitos. Nas casas de formação profissional, sob a orientação dos Salesianos, existiam duas categorias de educandos: aprendizes e estudantes. Aceitavam-se gratuitamente como artistas, ou aprendizes os meninos pobres e órfãos em extrema indigência. Os estudantes eram os pensionistas (pagantes)^{XIV}.

Por essas razões continuou sendo necessário unir a escola que ministrava apenas a instrução, outra que oferecia aos estudantes moradia, alimentação, vigilância e direção dos estudos. Dessa forma, os diretores dos colégios, por meio de “prospectos de colégios” e anúncios publicados em jornais e/ou almanaques, persistiam, tal como no século XIX, apresentando às famílias o internato como solução para conservarem, comodamente e sob vigilância, seus filhos na capital, ou mesmo nas cidades mais desenvolvidas do interior do estado, a fim de realizarem seus estudos escolásticos.

Nos *reclames* publicados nos jornais, a tônica do discurso dos diretores, não muito diferente do que se deu no século anterior, prometia zelo no tratamento, higiene, alimentação sã e abundante e todos os cuidados que um menino ou menina viesse a necessitar. Igualmente, destacavam a boa localização e condições físicas do estabelecimento, especialmente os dormitórios e áreas de recreio; além de informarem as condições necessárias para admissão no estabelecimento^{XV}.

Contudo, perdurava o costume de famílias ricas recorrerem aos internatos localizados em outros estados para educarem seus filhos. Quanto a isso, costumeiramente colégios localizados em outros estados faziam publicar anúncios em jornais sergipanos. Apareciam, entre outros, os colégios Regina Coele, “Educandário de 1ª ordem, para as filhas das principais famílias brasileiras”^{XVI}, localizado na rua Conde de Bomfim, n.º 1305, Tijuca, Rio de Janeiro. O Ginásio Ipiranga, localizado em Salvador, na rua do Sodré, dirigido pelo Dr. Isaias Alves, garantia às famílias “[...] educação bem cuidada, instrução metódica e contínua vigilância da saúde dos seus filhos. Dispondo de local para grande internato, tem instalações modernas, de acordo com as exigências da higiene e da pedagogia.”^{XVII}. O Instituto Baiano de Ensino, dirigido pelos professores Alberto de Assis e Hugo Balthasar da Silveira era instalado em “prédio confortável e arejado” em Salvador, no Campo da Pólvora, n.º 42^{XVIII}. E, no “escritório de miudezas de Matos Filho”^{XIX}, localizado em Aracaju, na rua da Aurora, n.º 46, os interessados podiam encontrar os estatutos e informações sobre as matrículas no Colégio

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

Abílio, “um internato para meninos de famílias das classes elevadas da sociedade”, localizado na capital federal, Rio de Janeiro, na Praia de Botafogo^{XX}.

Os internatos localizados em Salvador eram um dos destinos principais de estudantes sergipanos. O Colégio Antonio Viera (CAV), sediado nesta cidade, no período de 1917 a 1930, recebeu 156 filhos de grandes proprietários rurais sergipanos, sobretudo usineiros. Originários das seguintes localidades: Aracaju, Estância, Escurial, Fundação de Aracaju, Laranjeiras, Riachuelo, Propriá, Maruim (Usina Pedras), Saparetuba, Santa Rosa, Rosário, Riacho, Usina Soledade, Engenho Oitocentos, Capela^{XXI}.

Espaços dos internatos

Na primeira metade do século XX, os colégios sergipanos que ofereciam internato podem ser divididos, quanto ao espaço em que estavam instalados, em três grupos: aqueles que funcionavam na residência do proprietário do estabelecimento, os instalados em prédios adaptados e aqueles com edifícios construídos originalmente para funcionar como colégio-internato. Nessa última condição somente os estabelecimentos fundados por congregações católicas podem ser indicados. A grande maioria dos internatos, tanto na capital como no interior, continuavam instalados na residência do proprietário/diretor do estabelecimento ou em prédios adaptados para o funcionamento de colégios-internatos.

A realidade dos espaços dos internatos sergipanos não divergia muito do restante do país. Na maior parte do Brasil, embora existissem prédios originalmente planejados e construídos para funcionar como internato, a maioria dos colégios-internatos funcionavam em prédios ou casarões adaptados ou em edifícios-internatos construídos no século XIX. Estas construções apresentavam diversas incompatibilidades com os novos preceitos de higiene e com as determinações dos códigos sanitários. Esta era uma realidade comumente exemplificada com as condições sanitárias do internato do Colégio Pedro II, sediado no Rio de Janeiro. Estabelecimento padrão de ensino secundário para todo o país, o Pedro II era criticado por apresentar a inconveniência de uma arquitetura fora dos padrões higiênico-pedagógicos modernos^{XXII}.

Apesar de críticas, o edifício-internato vindo do século XIX continuou sendo utilizado no século XX, a exemplo do colégio-internato em que estudou, no Ceará, a romancista Raquel de Queiroz: “O colégio era grande como uma cidadela, todo fechado em muros altos. Por dentro, pátios quadrados, varandas brancas entre pitangueiras, numa quietude mourisca de claustro”^{XXIII}.

Em Sergipe, as casas que abrigavam os pequenos internatos, em regra, possuíam um salão de aulas de pequenas proporções e de um ou dois quartos onde funcionavam dormitórios para os poucos alunos pensionistas que garantiam uma renda extra ao proprietário. Esse era o aspecto do internato para meninas do Colégio N. S. da Conceição, estabelecido na residência da diretora, Maria da Gloria Chaves, localizada em Aracaju, na travessa Cel. José de Faro. Na

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

visita de inspeção que realizou em 1927, o inspetor de ensino afirma ter verificado asseio nas dependências da casa destinadas às funções do colégio e que, apesar das pequenas proporções do espaço, as alunas arguidas apresentaram bom aproveitamento^{xxiv}.

A propósito do tipo de internato “familiar”, o escritor sergipano Gilberto Amado, interno em um colégio de Aracaju, na passagem do século XIX para o século XX, registrou sua impressão sobre esse tipo de estabelecimento:

Colégio interno em Aracaju, Colégio Oliveira, único aliás no Estado, tinha internato, no sentido normal do termo, apenas no nome. Era uma casa chata de muitas janelas, junto do quartel, numa esquina no fim da rua da Frente, no caminho da Fundição. [...] Quando entrei, o colégio estava cheio; quartos atulhados de camas juntas. Os meninos corriam por cima delas sem ter que pular no tijolo. Um criado velho, de semana em semana, passava a vassoura por debaixo, mas só arrebanhava o sujo das beiradas; o do meio ficava. De noite subia do chão um cheiro de poeira molhada, um ranço de bolor velho.^{xxv}

Em cidades como Aracaju e Estância, antigos sobrados residenciais tiveram seus cômodos adaptados para servirem como salões de aula e dormitórios para os alunos pensionistas. Em Aracaju, o Grêmio Escolar^{xxvi} (1906-1937), fundado e dirigido pelo Dr. Evangelino Faro, estava instalado em um sobrado na Praça da Matriz^{xxvii}, e, “na melhor posição da cidade”, na rua da Aurora^{xxviii}, estavam estabelecidos os internatos dos colégios Boa Esperança^{xxix}, N. Sra. Santana^{xxx} e Escola Americana. Igualmente, foi para essa mesma rua que os salesianos transferiram, em 1911, o Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora. Na cidade de Estância, o Colégio Serigi^{xxxi}, sob a direção do professor Temístocles Alves Viana, também funcionava em um sobrado, localizado na Praça 7 de setembro, n.º 36, e em “palacete” no mesmo endereço estava instalado o Colégio Tobias Barreto^{xxxii}.

De outro modo, as edificações escolares originalmente planejadas, com dependências privativas para o internato, foram um empreendimento que somente os colégios católicos instalados em Sergipe tiveram condições de concretizar. Os primeiros foram, em Aracaju, os colégios N. Sra. de Lourdes das Irmãs Sacramentinas, Salesiano N. Sra. Auxiliadora e Patrocínio São José, e na cidade de Propriá, o Colégio Nossa Senhora das Graças. O Colégio N. Sra. de Lourdes, depois de funcionar em uma casa na rua de São Cristóvão, foi transferido em 1925 para prédio próprio, construído para funcionar como colégio-internato, localizado na Rua João Pessoa^{xxxiii}. O Colégio Salesiano funcionou em uma casa na rua da Aurora, depois foi transferido para uma casa de dois pavimentos situada na rua Pacatuba, e finalmente se mudou para um bairro afastado do centro da cidade, na rua de Dom Bosco (sítio Tebaidinha), onde já funcionava o Oratório^{xxxiv}. O Colégio Patrocínio São José passou de um prédio alugado até a inauguração de um prédio planejado e moderno na praça Tobias Barreto^{xxxv}. O Colégio Nossa Senhora das Graças, em Propriá, foi instalado inicialmente em um casarão antigo e depois em prédio com instalações específicas para internato^{xxxvi}.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

Os colégios-internatos Tobias Barreto, Grêmio Escolar e Jackson de Figueiredo, embora congregassem muitos alunos pensionistas, o espaço do internato e todas as dependências do estabelecimento resultaram de adaptações em prédios assobradados. Acomodado em um sobrado no Parque Teófilo Dantas, com adaptações para funcionar como colégio-internato, estava instalado o Colégio Jackson de Figueiredo, no centro de Aracaju, onde antes havia funcionado o Grêmio Escolar^{xxxvii}. Por fim, o Colégio Tobias Barreto ocupou casas e/ou sobrados residenciais, alugados, de construção antiga, localizados em diferentes pontos no centro da cidade. Essas casas e/ou casarões adaptados para o funcionamento de colégios-internatos, foram construídas, originalmente, para residência familiar, e mesmo as modificações visando à adaptação dos prédios para a finalidade escolar não lhes modificaram substancialmente o destino original de residência.

Características e práticas culturais do internamento escolar

No século XX praticamente todos os colégios sergipanos continuavam admitindo três categorias de colegiais, internos (pensionistas), semi-internos e externos. Os internos moravam no estabelecimento e recebiam alojamento, alimentação, instrução e direção dos estudos, os semi-internos permaneciam no estabelecimento os dois turnos do dia, recebiam alimentação e instrução e direção dos estudos. Em determinados estabelecimentos os alunos semi-internos entravam 6 horas da manhã e saíam às 8 horas da noite depois da banca de estudos. Já os alunos externos recebiam apenas instrução e não podiam se demorar no estabelecimento além das horas das aulas. Os internatos eram sempre monossexuais (masculinos ou femininos). Apenas no externato, em determinados estabelecimentos, admitiam-se os dois sexos.

A clientela dos internatos permaneceu formada pelos filhos e filhas das classes ricas, especialmente os grandes proprietários rurais e comerciantes, e por estratos médios da sociedade, como profissionais liberais e funcionários públicos graduados. Estes grupos estavam mais predispostos a investir na instrução dos seus filhos, mesmo que para isso tivessem que recorrer ao expediente economicamente custoso do internato. De fato, colégios da capital e do interior divulgavam nos anúncios de jornais que recebiam alunos das mais “importantes famílias” sergipanas. Assim, o modelo internato permanecia, na maior parte dos casos, com o poder de “distinção social” entre as classes da sociedade sergipana. O desembolso, ou investimento na educação funcionavam como estratégia educativa de reprodução para as classes ricas^{xxxviii}. As famílias, seguindo o pensamento de Bourdieu, são corpos que seguem [...] uma tendência a perpetuar seu ser social, com todos os seus poderes e privilégios, que é a base das *estratégias de reprodução* [...]”^{xxxix}.

O principal fator seletivo da clientela recebida pelos internatos permaneceu sendo as mensalidades ou pensões cobradas pelos estabelecimentos. No ano de 1909, em Aracaju, um internato para meninos cobrava a pensão de 600\$ anuais, dividida em três prestações, mais 10\$ mensais para terem direito à roupa lavada e engomada e 20\$ de uma só vez, no ato da

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

entrada no internato, para o fornecimento de materiais, como papel, caneta, lápis de pau e de pedra, papel de carta, mata-borrão e giz, além de serem cobrados em separado os livros e a ardósia de que viessem a necessitar e as atividades extras (música vocal e instrumental, piano, desenho) em que estivessem matriculados. Para uma família manter um aluno no internato podia chegar a uma despesa anual no mínimo de 740\$. Nos internatos femininos, tanto na capital como no interior, a pensão acrescida desses gastos extras variava de 600\$ a 700\$. De maneira geral, um aluno pensionista correspondia a um gasto no mínimo oito vezes maior do que um aluno externo.

A relação contida nos estatutos e prospectos dos internatos contendo a quantidade, tipo e variedade dos itens que deviam compor o enxoval dos pensionistas, igualmente sinalizava a posição social do público atendido por determinados estabelecimentos. Assim, nas listas comumente figuravam artefatos de uso comum das classes ricas ou médias, como lenços, gravatas, toalhas e guardanapos.

O quadro a seguir apresenta uma relação com os principais itens e respectivas quantidades comumente requisitados pelos internatos masculinos e femininos de Sergipe, frequentados por filhos e filhas de famílias de classe rica na primeira metade do século XX.

Enxoval Masculino	Enxoval Feminino
4 uniformes de brim escuro para uso interno	5 vestidos sendo 2 brancos
1 uniforme de casimira para sair	saias
1 chapéu de cabeça	6 anáguas
1 chapéu de sol	10 camisas
8 camisas de dia, sendo pelo menos 4 brancas	4 camisas de dormir
4 camisas de dormir, ou chambres	6 calçolas
4 ceroulas	12 pares de meias
8 pares de meias	12 lenços
8 lenços	4 lençóis
8 gravatas, sendo uma preta	2 cobertas
	4 fronhas

**PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE
(SÉCULO XX)**

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

1 par de botinas para sair	3 toalhas de banho
1 par de botinas para uso diário	2 colchas
1 par de sapatos grossos para ir ao banho	4 aventais
4 lençóis,	1 guarda-sol
4 cobertas de chitas	chapéus
4 fronhas	4 guardanapos
1 cobertor de lã para o inverno	4 toalhas de rosto
3 toalhas para o banho e 3 para o rosto	2 pares de botina
6 guardanapos para a mesa e uma argola para os mesmos	1 par de sandália
2 sacos para roupas servidas	2 véus de filó branco
1 baú ou mala para roupa	2 sacos para roupa servida.
2 uniformes de fardamento de conformidade com o modelo dado no Colégio	
1 chapéu ou boné para o fardamento	

Quadro 2 – Listas de enxovais para pensionistas de internatos sergipanos

Fonte: O Estado de Sergipe (1909), A Razão (1910), A Cruzada (1949)

Além do enxoval descrito no quadro anterior, os internatos solicitavam às famílias, para uso individual do pensionista, uma cama de ferro, colchão, travesseiro, pentes, copo de metal, lavatório de ferro, bacia para lavar o rosto, jarro para água, copo para lavar a boca, escovas (dentes, sapatos, fato), graxa para as botinas dos meninos, pente fino e grosso, tesourinha para aparar as unhas, espelho e urinol com tampa.

Sabe-se que nos internatos os pensionistas encontravam uma realidade diferente da que estavam acostumados em suas casas. Nos pequenos estabelecimentos viviam em comum

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

com a família do diretor ou diretora, partilhavam de uma grande mesa na sala de refeições e do espaço em um quarto com outros internos. No dormitório faziam uso de uma cama de ferro, do jarro com água e bacia para lavar o rosto. O urinol com tampa colocado embaixo da cama para as necessidades noturnas, embora condenado pelas regras higiênicas, ainda era bem usual em determinados internatos. As roupas podiam ser lavadas e engomadas no próprio estabelecimento, quando convencionado, ou a família encarregava-se desse serviço.

Nos internatos maiores existiam espaços específicos dedicados aos serviços do internato (refeitório, dormitórios, rouparia, instalações sanitárias etc.) e empregados encarregados da manutenção desses espaços. Quanto a isso, o Colégio N. Sra. das Graças, localizado no ponto mais elevado da cidade de Propriá, no ano de 1937, possuía essas instalações, contando com dois dormitórios abrangendo uma área de 127 metros quadrados, iluminados e arejados pela disposição de 12 janelas. Em cada um desses grandes salões ou dormitórios coletivos, típicos dos grandes internatos, estavam dispostos 43 leitos.

As roupas e outros pertences ficavam no próprio baú ou mala trazidos de casa. Alguns internatos solicitavam que o pensionista trouxesse para o colégio um bauzinho de folha de flandres com tampa ou uma caixinha de madeira, segundo o modelo fornecido pelo estabelecimento, para nele guardar livros, papéis, selos e papel de carta. Além disso, nos internatos femininos as meninas ou moças deviam trazer para o internato uma caixinha com utensílios para costura como tesoura, dedal, agulhas, alfinetes e linha. Nos estabelecimentos com espaços originalmente planejados para o funcionamento do internato os pensionistas podiam trocar e guardar suas roupas em armários localizados na rouparia.

Nos internatos, as malas, baús ou armários funcionavam como um “estojo de identidade” para os pensionistas, uma pequena defesa contra as desfigurações da personalidade provocadas pela vida coletiva e fechada^{XL}. No entanto, mesmo esse espaço privativo sofria o “olhar” vigilante e esmiuçante dos fiscais, através das revistas, que procuravam sanear o internato de impressos e/ou objetos proibidos.

Alguns internatos podiam ser frequentados por estudantes que objetivavam apenas o pensionato. Era o caso de moços e moças do interior, que faziam o curso secundário ou normal em escolas públicas sem internato e podiam ser recebidos na condição de “meros pensionistas”^{XLI}. Nesta condição, recebiam apenas alojamento, comida e direção dos estudos. Os colégios Grêmio Escolar^{XLII} e Nossa Senhora Santana^{XLIII} aceitavam pensionistas, respectivamente, destinados ao curso ginasial do Ateneu Sergipense e ao curso normal da Escola Normal Rui Barbosa. No regime do internato do Grêmio Escolar os alunos que frequentavam as aulas do Ateneu eram acompanhados e vigiados nas idas e vindas por um aluno monitor e só podiam permanecer fora do internato o tempo de suas aulas^{XLIV}. Quem viveu na transição do século XIX para o XX também recorda que, por preferência dos pais, alguns pensionistas de colégio tomavam lições na casa de professores particulares fora do estabelecimento, retornando no final dessas aulas para o internato.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

Na maior parte dos internatos o horário era utilizado como controle da atividade, com a utilização de dispositivos de controle do tempo, os quais sinalizavam aos internos os horários regulados e impositivos. Deste modo, os internos eram despertados com sinais do tipo: convite a uma prece, palmas, toque de sino ou de corneta. Geralmente, no tempo do internato, a vida do aluno começava às 5 horas da manhã, quando todos os alunos deviam deixar o leito; às 6 horas, depois de terem praticado os atos de asseio, iniciavam os estudos de banca, sendo interrompidos às 8 horas, quando era servido o café.

Em determinados estabelecimentos, sobretudo naqueles que congregavam muitos pensionistas, durante as refeições, em cada mesa, um aluno-mestre era indicado pelo diretor para manter a ordem e decência durante as refeições. Ao meio dia era servido o jantar (como era designado o almoço atual), depois os alunos ficavam de recreio até às 14 horas, quando recommençavam os trabalhos escolares. A última refeição era feita às 19 horas, depois da qual os alunos retomam os trabalhos de banca, que se prolongam até às 21 horas, quando se recolhiam aos seus dormitórios, onde deveriam permanecer em silêncio^{XLV}.

A estada no internato correspondia ao transcurso do período escolar, que se estendia de fevereiro a novembro. Os alunos eram liberados para retornarem à casa de suas famílias nas grandes férias dos meses de dezembro e janeiro, Semana Santa (do Sábado de Ramos à segunda feira após a Ressurreição), no S. João (23 de junho a 2 de julho), nos feriados oficiais e nos domingos e dias santificados. Alguns estabelecimentos aceitavam a permanência no internato, mediante pagamento extra de pensionistas que não podiam, por motivo de distância, retornar à casa paterna nas férias e feriados. Os pensionistas que só podiam retornar ao lar nas “grandes férias” utilizavam-se das cartas para manter contado com a família. Alguns internatos incentivavam essa prática, chegando mesmo a determinar como obrigação das alunas escrever aos pais, de 15 em 15 dias, ou sempre que necessário. Advertiam, porém, que toda correspondência deveria ser entregue aberta à diretoria do estabelecimento, bem como seriam abertas todas que fossem dirigidas às alunas^{XLVI}. As famílias visitavam ou enviavam mensageiros com cartas, alimentos, roupas ou outras encomendas. Este contato com a família ajudava a manter os laços familiares fragilizados pela separação provocada pelo internato. A interrupção desse contato familiar provocada pela estada no internato, por longos meses, ou mesmo a falta de notícias de casa, davam lugar a um sentimento de abandono, típico do aluno de internato:

Ele recebia cartas de casa, de sua mãe. [...] Somente Aurélio e eu não recebíamos nada de casa. Há um mês ali, e nem um recado. Isto me diminuía, me dava a impressão de que fosse um abandonado, um esquecido, sem ninguém que guardasse de mim uma recordação qualquer. Até o Vergara, o pior aluno, recebia de casa, e vinha um correspondente visitá-lo, e passava os domingos fora^{XLVII}.

O ensino oferecido pelos pequenos internatos era basicamente o curso primário dividido em quatro anos ou séries, para meninos de sete a 12 anos. Geralmente, cada série

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

funcionava em duas seções, a primeira iniciando às 9 horas da manhã até o meio-dia e a segunda estendia-se das 2 às 4 horas da tarde. Os colégios maiores, na medida em que conseguiam a equiparação ao Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) e a Escola Normal, passavam a oferecer, respectivamente, o curso ginasial e o curso normal. Dentre esses podem ser citados os colégios masculinos Salesiano, Tobias Barreto e Jackson de Figueiredo, todos em Aracaju, e os colégios femininos Nossa Senhora de Lourdes (Aracaju) e Nossa Senhora das Graças (Propriá).

Os internatos, também, eram espaços privilegiados de formação de *habitus*, entendidos como “princípios geradores de práticas distintas e distintivas^{XLVIII}”. Deste modo, os alunos também eram instruídos na prática das boas maneiras, no exercício das virtudes e do civismo pelo conhecimento dos grandes homens e na apreciação dos seus feitos, nos cantos dos hinos. Uma característica dos internatos era poder manter os alunos sempre à mão para a realização de diversas práticas institucionalizadas ou “cerimônias institucionais”^{XLIX}, marcadas pela periodicidade, participação coletiva (internos, “equipe dirigente”, visitantes) e com finalidades diversas. Foram comuns, na cultura dos internatos sergipanos, as comemorações, os jogos e festas. As festas e/ou solenidades escolares ocorriam em diversas ocasiões da vida escolar, como a comemoração de datas históricas, cívicas e religiosas, visitas ilustres^L, exames escolares, contando com a participação da sociedade, de autoridades^{LI} e da família.

Na educação das meninas e moças eram ministrados princípios morais, prática de virtudes com o propósito de “[...] torná-las úteis a si mesmas, à família e à sociedade, para a qual todas finalmente se dirigem, e onde cada uma terá que desempenhar o papel que o futuro lhe reservar”^{LII}. No tempo que passavam no internato, as meninas ou moças, além das aulas normais, aprendiam a confecção de prendas, bordados, costura, tocar piano e música. E nos internatos masculinos os meninos e moços aprendiam música, dança, desenho e ginástica. Os colégios Grêmio Escolar e Tobias Barreto primavam pelos exercícios militares, e no Colégio Salesiano, os padres costumavam gastar o tempo dos internos com os jogos e apresentações teatrais, sempre buscando a inculcação de valores morais e religiosos.

Nas cerimônias institucionais, os alunos apresentavam-se com trajes especiais, as fardas de “gala” ou vestidos de festa. Aconteciam discursos, cantos, declamações. Os exames escolares, cerimônia escolar que ocorria no final do ano, eram um momento de grande apreensão, ocorriam em sessão pública com a presença do delegado de ensino e convidados, na qual os alunos eram arguidos sobre pontos das matérias estudadas durante o ano^{LIII}. Alguns colégios masculinos primavam pelas exibições de exercícios militares^{LIV}, e nos femininos era costume a “exposição de prendas”^{LV} (bordados, crochês, rendas, quadros, objetos ornamentais, flores etc.).

Os jornais sergipanos costumeiramente noticiavam com destaque as festas de encerramento de ano ocorridas nos colégios. Em uma dessas matérias noticiou-se uma típica festa de férias ocorrida no Colégio do Salvador^{LVI}, na cidade de Estância. A festa teve início

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

com o cântico de um hino, discurso do diretor Domingos de Cordova Lima, leitura das notas dos alunos seguindo-se de discursos de um professor, de um aluno e de um padre. No Colégio Imaculada Conceição^{LVII}, em Capela, o encerramento do ano letivo contou com um festival artístico com a encenação, pelas alunas, do drama “A gruta de Lourdes” e uma exposição de prendas no salão nobre do estabelecimento. E, no Colégio Jackson de Figueiredo, o encerramento do primeiro semestre letivo do ano de 1938 ocorreu com a reunião

[...] no parque do colégio, sob a presidência do desembargador Evangelino de Faro, os alunos dos diversos cursos foram arguidos pelos professores e por estranhos, revelando considerável aproveitamento. Em seguida, houve declamação pelos alunos que conquistaram muitos aplausos, dando-se finalmente a palavra ao Dr. Marques Guimarães, cujo vibrante discurso foi um hino às mocidades estudantis de Bahia e Sergipe. Após uma bela demonstração de canto orfeônico, o diretor, prof. Benedito Oliveira, anunciou aos presentes a fundação de uma biblioteca infantil para uso dos alunos do seu já conceituado educandário.^{LVIII}

Outro acontecimento importante no cotidiano dos internatos eram as comemorações do padroeiro ou patrono da instituição. As meninas do Colégio Patrocínio de São José participavam dessas atividades no dia 23 de abril, quando o estabelecimento comemorava a festa de “Patrocínio de São José”^{LIX}, e os padres do Colégio Salesiano primavam em apresentar aos seus alunos o exemplo de S. João Bosco, especialmente nas comemorações do dia 16 de agosto, aniversário do patrono^{LX}.

As cerimônias institucionais quase sempre tiveram como finalidade a inculcação dos valores institucionais, a interligação entre os internos e a “equipe dirigente” e a manutenção das relações com o *macrocosmo* social (exibição institucional). Também procuravam garantir o equilíbrio do *microcosmo* social, evitando os atos contrários às normas institucionais (os desvios) ao mesmo tempo em que suavizavam os rigores do internamento.

Em alguns internatos a disciplina caracterizava-se como “uma anatomia política do detalhe”, ensejando uma micropenalidade do tempo, da atividade, da maneira de ser, dos discursos, do corpo e da sexualidade^{LXI}. Deste modo, os estatutos ou regulamentos dos internatos estabeleciam um rol de proibições. Estavam consignadas interdições quanto ao uso de fumo, bebidas alcoólicas, a utilização de dictérios^{LXII}, apelidos injuriosos, acenos indecorosos, brinquedos grosseiros, as práticas imorais, a realização de transações de compra e venda, troca ou empréstimo entre os alunos, com empregados do estabelecimento ou com pessoas externas. A fim de evitar a circulação entre os pensionistas de “ideias perniciosas e subversivas”, também era proibida a entrada de livros e jornais que não estivessem relacionados às matérias estudadas.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

Arroladas às proibições, seguiam-se as “penas” disciplinares com a descrição dos atos punitivos e os respectivos castigos. No regime do internato do Grêmio Escolar estava assinalado que as faltas contra a moralidade e costumes e as que indicassem desrespeito, desobediência, insubordinação e rebeldia, seriam punidas com mais severidade. O diretor igualmente ressaltava que a mentira, a delação, a espionagem, a “dobres”, a “ladroice” e outras práticas comuns à fase da meninice mereceriam cuidados especiais. As medidas disciplinares comumente utilizadas nos colégios eram a admoestação, em particular ou em público, notas de mau comportamento, privações (de recreio, de saídas, de passeio), tarefas escritas, reclusão solitária em quarto fechado^{LXIII} e a expulsão do colégio, em casos considerados extremos, como insubordinação, manifestação de “tendências morais reprovadas e perigosas”.

As práticas emulativas eram um recurso pedagógico muito utilizado na vida diária dos internatos. Era comum, entre outras, conferirem boas notas de comportamento, elogios públicos, prêmios^{LXIV}, passeios, lugar de honra nas aulas, ter o nome inscrito no quadro de honra. Eram recompensas utilizadas e funcionavam como incentivos para obediência às regras impostas. No Grêmio Escolar, o diretor avisava que fazia parte do regime do internato a utilização do “Livro das Partes”^{LXV}, onde seriam escritas as faltas cometidas e os elogios que tivessem merecido os alunos. A publicidade da escrituração desse livro se daria com sua leitura pelo diretor, na hora do jantar, na presença dos alunos internos. A escrituração das ocorrências^{LXVI} do internato funcionava como uma espécie de “memorial das partes”, um registro diário das atividades dos internos semelhante aos antigos livros de notas de comportamento: “Um livro de lembranças comprido e grosso [...] O temível noticiário, redigido ao sabor da justiça suspeita de professores, muita vez despidos por violentos, ignorantes, odiosos, imorais, erigia-se em censura irremissível de reputações”^{LXVII}.

Considerações finais

Os internatos, ao longo da primeira metade do século XX, subsistiram na cultura escolar sergipana, utilizados por famílias das camadas ricas e estratos médios da população para promover a instrução de seus filhos. Nos internatos, os estudantes encontravam cama, comida (pensionato) e toda a instrução (aulas, repetições, exercícios suplementares, direção dos estudos).

As razões para a permanência do internato na cultura escolar sergipana, durante boa parte do século XX, foram a falta ou deficiências de colégios no interior do estado, as longas distâncias, além das dificuldades de transporte e comunicação entre as localidades. Junte-se a essas razões o fato de algumas famílias optarem pelo internato por não quererem ou não estarem aptas para dirigir a instrução de seus filhos, principalmente na fase dos estudos secundários e por acreditarem no valor formativo e disciplinador do internato.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

Na segunda metade do século XX, inicia-se a decadência do modelo colégio-internato em Sergipe. São evidências gerais da extinção dos internatos sergipanos, as transformações sociais ocorridas a partir da década de 1960, como a “democratização da escola pública”^{LXVIII}, caracterizada pela criação de escolas públicas no interior do estado e na capital, provocando, aos poucos, a redução da matrícula nos tradicionais colégios-internatos. Por outro lado, a liberalização da juventude nos “anos rebeldes” desacreditava a capacidade dos colégios internos em preparar e corrigir os jovens para o mundo^{LXIX}, e a própria juventude insurgiu-se contra os rigores da vida fechada, acumulando-se os casos de indisciplina, violência e fuga nos internatos.

Enfim, a educação dispensada nos internatos, serviu como estratégia educativa de famílias ricas e médias e estabeleceu distinção social a esses segmentos sociais, por meio de constante formação de princípios culturais que contribuíram para a perpetuação de privilégios de classe. Seu estudo continua desafiando novas abordagens históricas que visem à configuração de outros espaços de internatos sergipanos, estabelecendo outras diferenças entre internatos masculinos e femininos e novas contribuições e compreensões sobre a cultura dos internatos.

Notas

^I Doutor em História pela UFBA (2012), professor da Universidade Federal de Sergipe (CODAP e PPGED).

^{II} DANTAS, José Ibarê Costa. *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

^{III} SERGIPE. Instituto de Economia e Pesquisas (INEP). *Aracaju*: INEP, 1983. (Série Monografias Municipais)

^{IV} O ESTATUTO do Ginásio Patrocínio São José. *A Cruzada*, Aracaju, p. 2, 29, mai. 1949.

^V BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2010, p.107.

^{VI} ANDRADE, Ana Paula Dantas Franca de. *Colégio Patrocínio São José: o ensino religioso católico (1940-1945)*. 2005. Monografia (Graduação História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2005.

^{VII} SANTOS, Sandra Maria dos. *A trajetória educacional em Capela: a experiência das missionárias da Imaculada Conceição (1929/1954)*. 2002. Monografia (Graduação História) – Universidade Federal de Sergipe, Propriá, SE, 2002, p. 21.

^{VIII} COLÉGIOS católicos e acatólicos. *A Cruzada*, Aracaju, p. 1, 11 mar. 1945.

^{IX} MENDONÇA, Nunes. *A educação em Sergipe*. Aracaju. Livraria Regina, 1958, p. 69.

^X AMADO, Gilberto. *História da minha infância*. São Cristóvão: Editora da UFS, 1999, p.117.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

-
- ^{XI} FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. São Paulo: Global, 2005.
- ^{XII} REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995, p.144.
- ^{XIII} Como se reporta à romancista Raquel de Queiroz: “E além, rodeando outros pátios, obrigando outras vidas antípodas, lá estavam as casas do Orfanato, onde meninas silenciosas, vestidas de xadrez humilde, aprendiam a trabalhar, a coser, a tecer as rendas dos enxovais de noiva que nós vestiríamos mais tarde, a bordar as camisinhas dos filhos que nós teríamos, porque elas eram as pobres do mundo e aprendiam justamente a viver e a penar como pobres”. QUEIROZ, Rachel. *As três Marias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 23.
- ^{XIV} SILVA, Antenor de Andrade. Os Salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe – Brasil 1897 – 1970. Roma: LAS – Libreria Ateneo Salesiano, 2000.
- ^{XV} COLÉGIO Maria Auxiliadora. *A Razão*, Estância, p. 4, 23 fev. 1910.
- ^{XVI} COLÉGIO Regina Coele. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p.5, 30 ago. 1919.
- ^{XVII} GINÁSIO Ipiranga. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 12 jul. 1914.
- ^{XVIII} INSTITUTO Baiano de Ensino. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 26 nov. 1919.
- ^{XIX} COLÉGIO Abílio. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p.4, 12 jul. 1914.
- ^{XX} COLÉGIO Abílio. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 2, 9 mar. 1910.
- ^{XXI} ALMEIDA, Stela Borges de. *Educação, história e imagem*: Um estudo do Colégio Antonio Vieira através de uma coleção de negativos em vidro dos anos 20/30. Salvador: UFBA, 1999 (Tese de Doutorado).
- ^{XXII} CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. *A pedagogia de internar*: uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão–SE (1934-1967). São Cristóvão: UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado)
- ^{XXIII} QUEIROZ, Rachel de. *As três Marias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p.25.
- ^{XXIV} SERGIPE. Termo de Visita. Colégio N. S. da Conceição, 8 de abril de 1927.
- ^{XXV} AMADO, Gilberto. *História da minha infância*. São Cristóvão: Editora da UFS, 1999, p. 162.
- ^{XXVI} GRÊMIO Escolar. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 21 jan. 1910.
- ^{XXVII} Atual Parque Teófilo Dantas.
- ^{XXVIII} Trecho entre as praças Fausto Cardoso e General Valadão, atual Avenida Rio Branco. BARRETO, Luiz Antônio. *Pequeno Dicionário prático de nomes e denominações de Aracaju*. Aracaju:ITBEC/BANESE, 2002.
- ^{XXIX} COLÉGIO Boa Esperança. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 28 jan. 1908.
- ^{XXX} COLÉGIO Santana. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 30 jan. 1916.
- ^{XXXI} COLÉGIO Serigi. *O Nordeste*, Aracaju, p. 3, 29 jan. 1942.
- ^{XXXII} COLÉGIO Tobias Barreto. *A Razão*, Estância, 18 set. 1910.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

-
- XXXIII COLÉGIO de N. Sra. de Lourdes. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 17 jan. 1907.
- XXXIV SILVA, Antenor de Andrade. *Os Salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe – Brasil 1897 – 1970*. Roma: LAS – Libreria Ateneo Salesiano, 2000. / COLÉGIO Salesiano N. Sra. Auxiliadora. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 3, 30 jan. 1916.
- XXXV ANDRADE, Ana Paula Dantas Franca de. *Colégio Patrocínio São José: o ensino religioso católico (1940-1945)*. 2005. Monografia (Graduação História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2005.
- XXXVI MELO, Valéria Alves. *As filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre educação católica (1915-1970)*. 2007. Dissertação (Mestrado Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2007.
- XXXVII COLÉGIO Jackson de Figueiredo. *Sergipe Jornal*, Aracaju, 5 de janeiro de 1938.
- XXXVIII BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2010.
- XXXIX BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2010, p. 36.
- XL GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- XLI COLÉGIO Jackson de Figueiredo. Ouvindo o diretor desse novo estabelecimento de ensino. *Sergipe Jornal*, Aracaju, p. 4, 5 jan. 1938.
- XLII GRÊMIO Escolar. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 4 fev. 1910.
- XLIII COLÉGIO N. S. Santana. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 30 jan. 1916.
- XLIV ESTATUTOS do Grêmio Escolar. *O Estado de Sergipe*, Aracaju, 5 dez. 1909.
- XLV COLÉGIO Tobias Barreto. *Estatutos do Colégio Tobias Barreto*. Aracaju: Secção de Artes Gráficas da Escola A. Artífices de Sergipe, 1936. DIES – Arquivo de Escolas Extintas / ESTATUTOS do Grêmio Escolar. *O Estado de Sergipe*, Aracaju, 5 dez. 1909. / ESTATUTOS do Ginásio Patrocínio de São José. *A Cruzada*, Aracaju, p. 2, 11 mai. 1949.
- XLVI ESTATUTOS do Ginásio Patrocínio de São José. *A Cruzada*, Aracaju, p. 2, 11 mai. 1949.
- XLVII REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p. 12.
- XLVIII BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2010, p. 22.
- XLIX GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 85.
- L BARÃO Homem de Mello. Visita ao Colégio Tobias Barreto. No Grêmio Escolar. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 2, 22 mar. 1917, 2006.
- LI GINÁSIO Nossa Senhora de Lourdes. *A Cruzada*, Aracaju, p. 1, 25 dez. 1948.
- LII COLÉGIO Maria Auxiliadora. *A Razão*, Estância, 21 jun. 1912. / Colégio Camerino. *A Razão*, Estância, p. 3, 15 dez. 1912.
- LIII COLÉGIO Maria Auxiliadora. *A Razão*, Estância, p.1, 10 dez. 1911. Colégio Maria Auxiliadora.
- LIV COLÉGIO Tobias Barreto. *A Razão*, Estância, p.1, 18 set. 1910.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

^{LV} OS COLÉGIOS. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 2, 5 dez. 1907.

^{LVI} COLÉGIO do Salvador. *A Razão*, Estância, p. 4, 22 nov. 1908.

^{LVII} NO COLÉGIO da Imaculada Conceição. *A República*, Aracaju, p. 3, 4 dez. 1932.

^{LVIII} ATIVIDADES escolares. O encerramento dos cursos no Colégio Jackson de Figueiredo. *Sergipe Jornal*, Aracaju, 20 jun. 1938.

^{LIX} GINÁSIO Patrocínio de S. José. *A Cruzada*, Aracaju, 3 de maio de 1947.

^{LX} O GINÁSIO N. Senhora Auxiliadora celebrou solenemente a Festa de São João Bosco. *A Cruzada*, Aracaju, p. 4, 17 ago, 1946.

^{LXI} FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2003.

^{LXII} “Troça, zombaria, motejo, escárnio [...]”. DICTÉRIOS. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p. 473.

^{LXIII} Castigo recordado por José Lins do Rego “ – Vá sentar-se no quarto do meio. Era o pior castigo do colégio: ficar isolado num quarto, sentado num tamborete, sem fazer nada. Passar horas e horas sem uma palavra, com a boca seca ouvindo lá por fora o rumor da conversa dos outros”. REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p.34.

^{LXIV} “O método pedagógico da organização salesiana no que tange ao ensino da ciência, abstraindo-se qualquer tintura religiosa, é bastante eficiente, e a prova disso é a distribuição de prêmios no sentido de despertar no aluno a vaidade do saber, o interesse pelos livros.” ENCERRAMENTO do ano letivo. *A República*, Aracaju, p. 4, 20 nov. 1932.

^{LXV} “Na hora do jantar será lido perante a colegiada interna o Livro das Partes, onde serão escritas as faltas cometidas pelos alunos, bem como os elogios que tiverem merecido”. ESTATUTOS do Grêmio Escolar. *O Estado de Sergipe*, Aracaju, 5 de dez. 1909.

^{LXVI} A respeito do registro de ocorrências em internato consultar o artigo “O livro de registro de ocorrências: o ‘jornalismo do internato’ (1934-1946)” Trata-se de um estudo sobre aspectos histórico-culturais do microcosmo do internato do Aprendizado Agrícola Benjamin Constant (SE), no período de 1934 a 1946, tomando como fonte principal as notas lançadas no “Livro de Registro de Ocorrências” da citada instituição. O estabelecimento era uma instituição de ensino agrícola elementar, funcionando em regime de internato e subordinado ao Ministério da Agricultura. O “Livro” funcionou como um “temível noticiário” do internato da instituição, pois, fazendo o memorial do comportamento diário das partes, permitiu a individualização dos transgressores e a aplicação do castigo exemplar. Nos registros sobressai o “poder disciplinador” e de conformação moral da “pedagogia de internar” de uma fase marcada por uma disciplina rigorosa. CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da . O livro de registro de ocorrências: o "jornalismo do internato" (1934-1946). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 1, p. 179-206, 2011.

^{LXVII} POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 2001, p. 50.

Fontes

**PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE
(SÉCULO XX)**

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

AMADO, Gilberto. *História da minha infância*. São Cristóvão: Editora da UFS, 1999.

ATIVIDADES escolares. O encerramento dos cursos no Colégio Jackson de Figueiredo. *Sergipe Jornal*, Aracaju, 20 jun. 1938.

BARÃO Homem de Mello. Visita ao Colégio Tobias Barreto. No Gremio Escolar. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 2, 22 mar. 1917, 2006.

BARRETO, Luiz Antônio. *Pequeno Dicionário prático de nomes e denominações de Aracaju*. Aracaju: ITBEC/BANESE, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2010.

COLÉGIO Abílio. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 2, 9 mar. 1910.

COLÉGIO Boa Esperança. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 28 jan. 1908.

COLÉGIO de N. Sra. de Lourdes. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 17 jan. 1907.

COLÉGIO do Salvador. *A Razão*, Estância, p. 4, 22 nov. 1908.

COLÉGIO Jackson de Figueiredo. Ouvindo o diretor desse novo estabelecimento de ensino. *Sergipe Jornal*, Aracaju, p. 4, 5 jan. 1938.

COLÉGIO Jackson de Figueiredo. *Sergipe Jornal*, Aracaju, 5 de janeiro de 1938.

COLÉGIO Maria Auxiliadora. *A Razão*, Estância, 21 jun. 1912. / Colégio Camerino. *A Razão*, Estância, p. 3, 15 dez. 1912.

COLÉGIO Maria Auxiliadora. *A Razão*, Estância, p.4, 27 fev. 1910.

COLÉGIO N. S. Santana. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 30 jan. 1916.

COLÉGIO Regina Coele. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p.5, 30 ago. 1919.

COLÉGIO Santana. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 30 jan. 1916.

COLÉGIO Serigi. *O Nordeste*, Aracaju, p. 3, 29 jan. 1942.

COLÉGIO Tobias Barreto. *A Razão*, Estância, p.1, 18 set. 1910.

COLÉGIO Tobias Barreto. *Estatutos do Colégio Tobias Barreto*. Aracaju: Secção de Artes Gráficas da Escola A. Artífices de Sergipe, 1936.

COLÉGIOS católicos e acatólicos. *A Cruzada*, Aracaju, p. 1, 11 mar. 1945.

ENCERRAMENTO do ano letivo. *A República*, Aracaju, p. 4, 20 nov. 1932.

ESTATUTOS do Ginásio Patrocínio de São José. *A Cruzada*, Aracaju, p. 2, 11 mai. 1949.

PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE (SÉCULO XX)

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

-
- ESTATUTOS do Grêmio Escolar. *O Estado de Sergipe*, Aracaju, p. 1, 5 dez. 1909.
- GINÁSIO Ipiranga. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 12 jul. 1914.
- GINÁSIO Nossa Senhora de Lourdes. *A Cruzada*, Aracaju, p. 1, 25 dez. 1948.
- GINÁSIO Patrocínio de S. José. *A Cruzada*, Aracaju, 3 de maio de 1947.
- GRÊMIO Escolar. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 4, 4 fev. 1910.
- INSTITUTO Baiano de Ensino. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 26 nov. 1919.
- INTERNATO E ensino. *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, p. 2, 17 jun. 1967.
- NO COLÉGIO da Imaculada Conceição. *A República*, Aracaju, p. 3, 4 dez. 1932.
- O GINÁSIO N. Senhora Auxiliadora celebrou solenemente a Festa de São João Bosco. *A Cruzada*, Aracaju, p. 4, 17 ago, 1946.
- OS COLÉGIOS. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 2, 5 dez. 1907.
- O Estado de Sergipe em 1835*. Recursos possibilidades, desenvolvimento, estatística. Aracaju: Gráfica Editora, 1937.
- O ESTATUTO do Ginásio Patrocínio São José. *A Cruzada*, Aracaju, p. 2, 29, mai. 1949.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 2001, p. 50.
- QUEIROZ, Rachel. *As três Marias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 23.
- REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995, p.144.
- SERGIPE. Instituto de Economia e Pesquisas (INEP). *Aracaju*: INEP, 1983.
- SERGIPE. Termo de Visita. Colégio N. S. da Conceição, 8 de abril de 1927.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Stela Borges de. *Educação, história e imagem*: Um estudo do Colégio Antonio Vieira através de uma coleção de negativos em vidro dos anos 20/30. Salvador: UFBA, 1999 (Tese de Doutorado).
- ANDRADE, Ana Paula Dantas Franca de. *Colégio Patrocínio São José: o ensino religioso católico (1940-1945)*. 2005. Monografia (Graduação História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2010.

**PERMANÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DOS INTERNATOS EM SERGIPE
(SÉCULO XX)**

JOAQUIM TAVARES CONCEIÇÃO

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. *Internar para educar*. Colégios-internatos no Brasil (1840-1950). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2012.

_____. O livro de registro de ocorrências: o "jornalismo do internato" (1934-1946). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 1, p. 179-206, 2011.

COSTA, Rosemeire Marcedo. *Fé, Civilidade e Ilustração*: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2003.

DANTAS, José Ibarê Costa. *História de Sergipe*: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. São Paulo: Global, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MELO, Valéria Alves. *As filhas da Imaculada Conceição*: um estudo sobre educação católica (1915-1970). 2007. Dissertação (Mestrado Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2007.

MENDONÇA, Nunes. *A educação em Sergipe*. Aracaju. Livraria Regina, 1958.

SANTOS, Sandra Maria dos. *A trajetória educacional em Capela*: a experiência das missionárias da Imaculada Conceição (1929/1954). 2002. Monografia (Graduação História) – Universidade Federal de Sergipe, Propriá, SE, 2002, p. 21.

SILVA, Antenor de Andrade. *Os Salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe* – Brasil 1897 – 1970. Roma: LAS – Libreria Ateneo Salesiano, 2000.